

O Sínodo antes, durante e depois da sua realização: impressões pessoais de um teólogo da Amazônia

Com o presente texto, pretendo oferecer ao leitor as impressões que me foram possíveis captar, sobretudo como alguém nascido na Amazônia brasileira, tendo vivido e trabalhado lá boa parte da minha vida, o que me permitiu testemunhar e participar de alguns momentos eclesiais anteriores ao sínodo, como também de viver a experiência de estar presente, na condição de perito nomeado pelo Papa Francisco. Acredito que a memória e a consciência histórica dos fatos ocorridos antes, junto à vivência dos momentos fortes do presente, com a realização do sínodo, permitem-nos também ter um olhar prospectivo, seja como continuidade de um processo que nem começa, nem termina com o sínodo, seja como um chamado a agir, a partir de agora, para que os sopros do Espírito experienciados durante o sínodo, sejam assumidos em nossa práxis cristã, em todos os níveis e espaços onde atuamos, pessoal e institucionalmente.

1 O antes: o grande processo de escuta e participação anterior ao sínodo

Uma coisa que, indubitavelmente, caracterizou o Sínodo especial sobre a Amazônia foi a sua enorme abrangência, seja no tempo em que foi sendo construído, seja pelo número de pessoas envolvidas neste grande processo de discernimento sobre as realidades eclesial, pastoral, social e ecológica da região pan-amazônica, compreendendo os nove países que a conformam: Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Peru, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa. Para todos os católicos e, particularmente, para quem nasceu ou vive na Pan-Amazônia, o sínodo sobre esta região foi um tempo de *kairos* para as nossas comunidades, pois mostrou o quanto a Igreja, liderada pelo Papa Francisco, está interessada em nos ouvir e saber mais sobre a nossa realidade, a fim de melhor servir o povo de Deus na região amazônica.

De fato, o sínodo significou um marco para a postura da Igreja diante dos desafios pastorais e socioambientais que atingem a região pan-amazônica. Mas, para

que assim fosse houve todo um processo de preparação antes, que ajudou a forjar o rosto amazônico do sínodo, por meio de centenas de encontros, assembleias e estudos feitos *in loco*, por cerca de dois anos, possibilitando aos próprios amazônidas expressarem seus anseios e esperanças, seus desafios e propostas na direção de uma nova presença evangelizadora da Igreja e da construção de uma ecologia integral, tal como recorda o lema do sínodo. Ao todo, foram mais de 85.000 pessoas envolvidas nos diferentes momentos e lugares, para discernirem juntas que Igreja e que mundo queremos construir e deixar para as futuras gerações.

Nesse processo de discernimento em comum, foi fundamental reconhecer que não se estava partindo do zero, mas que somos continuadores de um movimento que já começara bem antes no seio da Igreja. De fato, já em 1952, realizava-se em Manaus o 1º Encontro inter-regional dos Bispos da Amazônia. E em 1972, na cidade de Santarém, oeste do estado do Pará, novamente estiveram reunidos os bispos da Amazônia brasileira, quando decidiram basear sua ação pastoral e evangelizadora na direção de uma encarnação na realidade, pelo conhecimento e pela convivência na simplicidade, como também na evangelização libertadora. Ressalte-se que, neste encontro, nasceu o CIMI (Conselho Indigenista missionário), como órgão da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). Daí em diante, vários outros encontros foram acontecendo e experiências similares ocorreram simultaneamente em outros países pan-amazônicos, todas elas motivadas pelas proféticas palavras do hoje santo Papa Paulo VI, que afirmara: “Cristo aponta para a Amazônia”¹.

Além dele, outro Papa canonizado em nossos tempos, São João Paulo II, nas duas vezes que visitou o Brasil, em 1980 e 1991, fez questão de ir até a Amazônia para se encontrar com lideranças indígenas, prestando-lhes solidariedade na luta pelos seus direitos, dizendo-lhes: “A Igreja, queridos irmãos índios, tem estado e continuará a estar sempre a seu lado, para defender a dignidade de seres humanos, para defender o direito a ter uma vida própria e tranquila, no respeito aos valores positivos das suas tradições, costumes e culturas”². Finalmente, há de se destacarem as palavras do Papa Bento XVI, proferidas no estádio do Pacaembu, em São Paulo, diante de milhares de jovens, em 2007: “A devastação ambiental da Amazônia e as

¹ PAULO VI, Mensagem aos peregrinos de Belém do Pará, Vaticano, 10 de outubro de 1971.

² JOÃO PAULO II, Discurso ao encontro com representantes das comunidades indígenas do Brasil, Cuiabá, 16 de outubro de 1991.

ameaças à dignidade humana de suas populações requerem um maior compromisso nos mais diversos espaços de ação que a sociedade vem solicitando”³. Todos esses fatos históricos nos fazem notar a ação do Espírito Santo conduzindo a Igreja a ir armando cada vez mais a sua tenda na Amazônia, consciente de ser uma Igreja no mundo, amando o mundo amazônico e dando a sua contribuição para o resgate de tantas dívidas sociais em relação a essa região⁴.

O Papa Francisco, com seu carisma e liderança próprios, não só deu continuidade a todo esse movimento da Igreja em direção à Amazônia, mas imprimiu a ele um novo impulso, do qual o sínodo recém-realizado é, certamente, uma de suas expressões mais contundentes, mas não a única. Com efeito, logo no início do seu pontificado, durante a Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro, em 2013, ele diria aos bispos que a Amazônia seria um “teste decisivo, um banco de prova para a Igreja e a sociedade brasileiras”⁵. Assim, diante de um clima mais favorável e sensível para com a realidade amazônica, outras iniciativas foram surgindo e se concretizando, como por exemplo, a criação de uma Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM), em 2014, que iria se tornar a mola propulsora de todo o processo de escuta e participação das comunidades e populações amazônicas, especialmente os povos indígenas, na preparação para o sínodo, cujo resultado final foi a elaboração do documento de trabalho, mais conhecido como *Instrumentum laboris*, com 120 propostas enviadas aos padres sinodais.

Contudo, não podemos esquecer que o próprio Papa Francisco afirmou que o sínodo era filho da encíclica *Laudato Si*, escrita por ele em 2015. Nesse documento, Francisco aponta para novos paradigmas de uma ecologia integral, resgatando antigos fundamentos da teologia da criação e aplicando-os ao ecossistema de hoje, mostrando que se faz inadiável um processo de conversão dentro de uma visão ecoteológica e do cuidado da “casa comum”, que é todo o planeta Terra. Até então, nenhum papa havia escrito uma encíclica que lidasse especificamente com o tema da ecologia integral, como fez Francisco, que adverte a humanidade de que “existem lugares que exigem cuidados especiais por sua enorme importância para o ecossistema mundial ou que constituem reservas significativas de água, garantindo

³ BENTO XVI, Discurso no encontro com jovens no estádio Pacaembu, São Paulo, 17 de maio de 2007.

⁴ Cf. Documento “A Igreja arma sua tenda na Amazônia”, Manaus, 9 a 18 de setembro de 1997.

⁵ FRANCISCO, Discurso no encontro com o episcopado brasileiro, Rio de Janeiro, 27 de julho de 2013.

assim outras formas de vida”⁶. E, ao tratar desse tema, o Papa faz questão de citar a região amazônica com particular preocupação:

Vamos mencionar, por exemplo, os pulmões do planeta cheios de biodiversidade, que são a bacia amazônica e a bacia do rio Congo, ou os grandes lençóis freáticos e geleiras. A importância desses lugares para todo o planeta e para o futuro da humanidade não pode ser ignorada. Os ecossistemas de florestas tropicais têm uma biodiversidade de enorme complexidade, quase impossível de conhecer completamente, mas quando essas florestas são queimadas ou cortadas para o cultivo, em poucos anos muitas espécies são perdidas ou essas áreas se tornam desertos áridos⁷.

2 O durante: discernindo a voz do Espírito na diversidade de línguas

Nem todos, mas com certeza a grande maioria dos padres sinodais, auditores e peritos presentes no sínodo havia participado de alguma forma do processo anterior de escuta e preparação para ele, conforme mencionado acima, de modo que não só os temas a serem abordados eram familiares, mas entre os próprios participantes havia um relativo conhecimento entre si. Não obstante, mesmo entre aqueles que nunca estiveram na Amazônia, ou que não participaram da etapa anterior de preparação ao sínodo (v.g. os membros da cúria romana, convocados *ex officio* para o sínodo, ou os delegados de igrejas irmãs e outros convidados de fora da região), predominou desde o início um espírito de abertura, respeito e acolhida do outro (e da outra, pois era significativo o público feminino) que a todos serviu como uma confirmação da riqueza que é sermos Igreja sinodal, que cresce e se enriquece na diversidade de carismas, ministérios e vocações. Essa experiência de sinodalidade e comunhão fez com que, efetivamente, aprendêssemos, naquelas três semanas, a conviver e a caminhar juntos como Igreja reunida na sua pluralidade, mas sempre unida em torno à pessoa do Papa, que esteve sempre presente em todas as chamadas “congregações” do sínodo. Assim, lideranças indígenas, cardeais, teólogos, religiosas, cientistas, missionários, bispos, sacerdotes etc. eram ouvidos com o mesmo respeito em um clima de sincera busca de um consenso, que expressasse aquilo que Deus estava falando por meio de tão diferentes vozes.

⁶ FRANCISCO, Encíclica *Laudato Si*, número 37.

⁷ FRANCISCO, Encíclica *Laudato Si*, número 38.

Este clima favorável de abertura e escuta do outro existiu tanto na primeira semana, período forte das intervenções (discursos) livres dos padres sinodais, como também no trabalho posterior dos doze grupos linguísticos, que, após vários encontros de discernimento em comum, apresentaram suas conclusões e propostas na última sessão da segunda semana, para que o relator geral do sínodo, cardeal Claudio Hummes, auxiliado pela sua equipe de redação e pelos peritos, apresentasse posteriormente em plenário uma primeira versão do Documento Final, que foi amplamente discutida e aperfeiçoada pelos padres sinodais, antes ser votada e aprovada no último dia do sínodo, como de fato aconteceu na tarde do dia 26 de outubro de 2019.

Aprovado em sua totalidade, após terem sido votados, separadamente, cada item do texto apresentado, este Documento Final reúne 120 tópicos conclusivos e propostas resultantes das três intensas semanas de discernimento e escuta. Em resumo, podemos dizer que a palavra central que perpassa todo o documento é a palavra “conversão”, desenvolvida em cinco capítulos, a saber:

1. *Conversão integral*, decorrente da necessidade de conter os ciclos de destruição e morte que tem atingido a beleza da criação divina presente na região pan-amazônica, com sua enorme diversidade de biomas, culturas e povos, todos ameaçados pelas mãos dos seres humanos. A esses, os padres sinodais clamam por uma

conversão pessoal e comunitária que nos obriga a relacionar-nos harmoniosamente com a obra criadora de Deus, que é a casa comum; uma conversão que promove a criação de estruturas em harmonia com o cuidado da criação; uma conversão pastoral baseada na sinodalidade, que reconhece a interação de tudo o que é criado. Conversão que nos levará a ser uma Igreja em saída que entrará no coração de todos os povos amazônicos⁸;

2. *Conversão pastoral*, com um chamado a sermos Igreja samaritana, misericordiosa e solidária, “em diálogo, acompanhando pessoas com rostos concretos de indígenas, camponeses, afrodescendentes e migrantes, jovens, moradores da cidade”⁹, por meio de uma práxis missionária e itinerante, seja no meio urbano, seja no meio rural;

⁸ Documento Final, número 18.

⁹ Documento Final, número 20.

3. *Conversão cultural*, reconhecendo a pluralidade cultural da região, a partir de “um olhar que inclua a todos, usando expressões que permitam identificar e vincular todos os grupos e refletir identidades que são reconhecidas, respeitadas e promovidas tanto na Igreja quanto na sociedade”, pois só assim será possível pensarmos no surgimento de comunidades eclesiais com rosto verdadeiramente amazônico, “enraizadas nas culturas e tradições próprias dos povos, unidas na mesma fé em Cristo e diferentes em seu modo de vivê-la, expressá-la e celebrá-la”¹⁰;

4. *Conversão ecológica*, na qual o conceito de ecologia assume uma dimensão muito além da preservação de determinada fauna ou flora, pois que tem a ver com a dignidade, o respeito aos direitos básicos e, em última análise, à sobrevivência da própria espécie humana e de todos os seres vivos do planeta. Neste item, os padres sinodais não têm dúvidas de que, por exemplo, “para os cristãos, o interesse e a preocupação com a promoção e o respeito dos direitos humanos, tanto individuais como coletivos, não são opcionais. Os seres humanos são criados à imagem e semelhança de Deus Criador, e a sua dignidade é inviolável”¹¹. Eis por que é imperativo se posicionar, como faz a Igreja sob a liderança do Papa Francisco, contra o verdadeiro genocídio que ocorre em alguns lugares da Pan-Amazônia contra populações indígenas, como também o assassinato de tantas lideranças dessas populações e agentes pastorais (sacerdotes, religiosas, leigos) que caminham com elas. Sobre tal realidade, os padres sinodais denunciam:

A depredação do território é acompanhada pelo derramamento de sangue inocente e pela criminalização dos defensores da Amazônia... É escandaloso que líderes e até mesmo comunidades estejam sendo criminalizados apenas por reivindicar seus próprios direitos.¹²

5. *Conversão sinodal*, em busca de novos caminhos eclesiais para que haja mais comunhão e participação, “especialmente na ministerialidade e sacramentalidade da Igreja de rosto amazônico”. Este processo de conversão para uma maior sinodalidade deve atingir a vida consagrada, os leigos e, dentre esses, de modo especial as mulheres, já que são elas as protagonistas desta conversão, com sua presença marcante e de vanguarda em tantas comunidades da Amazônia. Diz o Documento Final:

¹⁰ Documento Final, número 42.

¹¹ Documento Final, número 70.

¹² Documento Final, números 67 e 69.

Uma Igreja de rosto amazônico precisa que suas comunidades sejam impregnadas de um espírito sinodal, sustentado por estruturas organizativas segundo esta dinâmica, como autênticos organismos de "comunhão". As formas de exercício da sinodalidade são variadas, devem ser descentralizadas nos vários níveis (diocesano, regional, nacional, universal), respeitosas e atentas aos processos locais, sem enfraquecer o vínculo com as outras Igrejas irmãs e com a Igreja universal. Estabelecem uma sincronia entre comunhão e participação, entre corresponsabilidade e ministerialidade de todos, dando especial atenção à participação efetiva dos leigos no discernimento e na tomada de decisões, fortalecendo a participação das mulheres¹³.

3 O depois: do chamado à conversão à ação efetiva

A realização do Sínodo sobre a Amazônia foi, sem dúvida alguma, um marco na história da Igreja pós-Vaticano II, mas está longe de ser o ponto de chegada da missão que, como cristãos, temos de realizar em direção aos novos caminhos eclesiais e para uma ecologia integral, tão desejados pelos padres sinodais, que expressaram assim a voz de milhões de habitantes daquela região. Espera-se que, uma vez encerrado o sínodo, as propostas presentes do Documento Final do mesmo venham a ser aprofundadas por meio da Exortação Apostólica pós-sinodal, de autoria do próprio Papa Francisco.

Com efeito, desde a sua preparação, o Sínodo representou um tempo para ver, discernir e julgar a realidade eclesial e socioambiental da Pan-Amazônia. Trata-se de agora deixar-se iluminar por tudo isso para passar a agir com ações concretas, que, efetivamente, construam novos caminhos para a Igreja na Amazônia e promovam uma ecologia integral, que garanta a vida e o cuidado de nossa "casa comum", que é o mundo em que vivemos.

Infelizmente, os eventos verificados recentemente na região, como as inúmeras áreas de floresta queimadas e vários assassinatos de líderes indígenas, mostram que as preocupações do Papa, reforçadas pelos testemunhos das lideranças indígenas, agentes eclesiais e cientistas presentes no Sínodo, são bem fundamentadas e nos chamam a todos a uma ação que impeça com que essas ameaças e agressões à vida na Amazônia continuem a fazer dela "um lugar de dor e

¹³ Documento Final, número 92.

violência”, com consequências direta na vida das pessoas, pois que

são ameaças reais, com sérias consequências sociais: doenças relacionadas à poluição, tráfico de drogas, grupos armados ilegais, alcoolismo, violência contra mulheres, exploração sexual, tráfico e contrabando de seres humanos, venda de órgãos, turismo sexual, perda da cultura e identidade originais (idioma, práticas e costumes espirituais), criminalização e assassinato de líderes e defensores do território¹⁴

Por sua vez, os cientistas convidados ao sínodo também alertaram para as sérias mudanças causadas pela agressão à Amazônia, ressaltando que tudo isso

ameaça a sobrevivência de todo o ecossistema, ameaçando a biodiversidade e alterando o ciclo de vida da água e a sobrevivência da floresta tropical. Além disso, a Amazônia também desempenha um papel fundamental como amortecedora das mudanças climáticas e fornece inestimáveis sistemas fundamentais de suporte à vida relacionados ao ar, água, solos, florestas e biomassa¹⁵.

Diante desse cenário preocupante, é necessário haver uma verdadeira "conversão ecológica", com o abandono dos "pecados ecológicos", que são exatamente tudo aquilo que prejudica ou destrói as criaturas de Deus, que deseja que haja vida em abundância para todos. Nesse sentido, o sínodo também serviu como um lembrete de que todos devemos ser guardiões da obra criadora de Deus. No entanto, os protagonistas do cuidado, proteção e defesa da vida e dos direitos das pessoas e da natureza na região pan-amazônica devem ser, principalmente, as próprias comunidades autóctones. Elas devem ser protagonistas de seu próprio destino, de seu próprio viver. Portanto, o nosso papel como Igreja deve ser o de um aliado, como expressaram os próprios indígenas, pedindo que a Igreja os acompanhe, caminhe com eles, sem lhes impor um modo particular de ser, um modo específico de desenvolvimento que pouco tem a ver com suas culturas, tradições e espiritualidades. Pois eles sabem cuidar da Amazônia, como amá-la e protegê-la. O que eles precisam é que a igreja os apoie.

Do ponto de vista eclesial, o exemplo da forma como se deu este Sínodo especial sobre Amazônia deixou um chamado a todas as igrejas particulares, qual seja o de buscar também viver a experiência de maior sinodalidade, ou seja, a

¹⁴ Documento Final, número 10.

¹⁵ Documento Final, número 11.

experiência de caminhar juntos como Igreja composta em sua diversidade, mas sempre unida em torno à pessoa do Papa, como ocorreu no sínodo, no qual líderes indígenas, cardeais da cúria romana, teólogos, religiosos, cientistas, missionários, bispos etc. juntos puderam respirar um clima de grande respeito pela opinião de cada participante na busca de um consenso que expressasse o que Deus estava pedindo a todos. Por outro lado, os "novos caminhos" para a Igreja, apontados no sínodo, deveriam agora se traduzir em iniciativas concretas na direção do fortalecimento institucional da presença e liderança dos leigos em geral, bem como das mulheres em particular, o que de fato já está acontecendo em muitos lugares no interior da Amazônia, marcado pela ausência de padres. Trata-se de reconhecer que essas lideranças leigas e femininas podem e devem representar cada vez mais a Igreja institucional e ministerialmente.

Além disso, espera-se que todas essas propostas emanadas do sínodo levem ao fortalecimento da criação de uma Igreja com um rosto cada vez mais amazônico, havendo, ao mesmo tempo, mais solidariedade por parte das dioceses, congregações religiosas e outras instituições eclesiais localizadas fora da Amazônia, a fim de que essas partilhem mais de seus recursos humanos e econômicos com as igrejas pan-amazônicas, sendo assim uma Igreja em saída, em direção aos que mais dela necessitam.

Por fim, todo esse movimento de conscientização criado pelo sínodo deve nos levar a todos a uma mudança de hábito, assumindo, em nossa vida pessoal, familiar e na sociedade como um todo, um novo estilo de vida, que preserve o meio ambiente e cuide melhor de nossa casa comum, que é o planeta Terra. Certamente, foi uma verdadeira inspiração divina a ideia de convocar um sínodo para refletir sobre a necessidade urgente de salvar o bioma amazônico e, por extensão, todo o planeta, das ameaças de destruição advindas de políticas econômicas equivocadas e de projetos predatórios, que visam apenas ao lucro imediato de determinados setores ou grupos. Mas, isso de nada adiantará se cada um não assumir, em seu microuniverso, uma nova forma de relacionar-se com a criação.

CONCLUSÃO

Desde a sua convocação, quis o Papa Francisco deixar bem clara a finalidade do Sínodo sobre a Amazônia: discernir novos caminhos para a Igreja naquela região e para a promoção de uma ecologia integral em todo o planeta. A meu ver, enquanto amazônida e enquanto teólogo, tal objetivo foi plenamente atingido, não como um processo acabado, senão como novo caminho a continuar sendo trilhado, sob a mesma luz e inspiração do Espírito.

Por um lado, no âmbito da fé, este sínodo serviu como verdadeira confirmação de tudo aquilo que o Concílio Vaticano II já havia intuído a respeito das outras culturas, qual seja a visão de que, ainda que o mistério da fé no Deus trino revelado por Jesus Cristo não seja compreendido completamente por uma determinada cultura e religião, isso, no entanto, não invalida outras visões e práticas espirituais e religiosas do mundo, já que a presença da Palavra de Deus já estava ali, nessas outras expressões e experiências do divino. Pois, antes mesmo dessa Palavra - o Verbo - se encarnar para nos salvar, ele já estava presente no mundo como a verdadeira luz que ilumina todo homem¹⁶. Portanto, o sínodo nos recordou que, em sua indispensável missão evangelizadora, o cristão deve ser capaz de abraçar, dialogar e respeitar as outras religiões e culturas, sem temer perder sua identidade, mas enriquecendo-as e deixando-se enriquecer por elas.

No caso concreto da região pan-amazônica, é inegável que aprendemos com a cultura e a religiosidade indígenas a melhor lidar com a natureza, respeitando todos os seres vivos como dignos de cuidado e conservação, tendo em vista a conservação do próprio planeta, entendido como o "lar comum" de todos os povos. Longe de representar qualquer forma de panteísmo ou negação da centralidade de Cristo e do homem na história da salvação, o diálogo intercultural com as populações indígenas nos ajuda a crescer na consciência de que somos meros administradores de dons e recursos que não são nossos, mas são obras de Deus, presentes em todas as suas criaturas. De fato, o Papa Francisco mostrou estar muito consciente disso, ao afirmar que a visão do cosmo e a sabedoria indígena "tem muito a nos ensinar, a nós

¹⁶ Cf. *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje Gaudium et spes*, número 57. Fronteiras, Recife, v. 2, n. 2, p. 270-283, jul./dez., 2019

que não pertencemos à sua cultura"¹⁷. E já anteriormente, o então Papa João Paulo II, falando aos indígenas brasileiros, reconheceu "os valores positivos de suas tradições, costumes e culturas"¹⁸.

A teologia, por outro lado, ensina-nos que o encontro do ser humano com Deus acontece aqui e agora, neste mundo criado pelo Seu amor. Deus trino nos criou à sua imagem e semelhança, marcando-nos assim com o ato criativo (Gn 1,26). O Criador configurou cada ser humano para ser único, mas aberto ao relacionamento com os outros e com o mundo, incluindo a natureza. Tudo, portanto, que rompe a identidade das criaturas ou dificulta suas relações harmoniosas, acaba afetando-nos profundamente¹⁹. Nesse sentido, o discurso ecológico evoca as profecias bíblicas que denunciam todo tipo de desobediência ao plano de Deus para o mundo que Ele criou. De fato, a Palavra de Deus está enraizada na história, sendo uma revelação histórica: Deus não fala de céus míticos, mas do tempo e espaço dos homens de ontem e de hoje. A Bíblia tem um apelo à historicidade, à concretude²⁰. Essa verdade deve ajudar-nos a entender que até mesmo o grande presente que concerne à humanidade e com ela a própria fé cristã sempre nos impõe a tarefa, à luz da exegese bíblica, de extrair da Palavra de Deus as respostas para saber, como cristãos, enfrentar os desafios de hoje, como o uso racional das coisas e a relação do ser humano com as demais obras da criação divina.

Ora bem, modelos de desenvolvimento e crescimento econômico que ameaçam a sustentabilidade do planeta, a lógica perversa do consumismo que gera o desperdício de recursos naturais já limitados, devorados por ânsias humanas insaciáveis por bens materiais, o desmatamento e a destruição ambiental da biodiversidade, a poluição do ar, a contaminação da água e do solo, a intoxicação alimentar, o aquecimento e derretimento de geleiras e calotas polares, a superpopulação descontrolada das cidades, as enormes migrações internas e externas, a violência e criminalidade sem controle, todas essas coisas afetam nossas vidas e nossa experiência de Deus e tais realidades não podem ser excluídas daquilo

¹⁷ FRANCISCO, Discurso no Encontro com o povo da Amazônia, Puerto Maldonado, 19 de janeiro de 2018.

¹⁸ JOÃO PAULO II, Discurso ao encontro com representantes das comunidades indígenas do Brasil, Cuiabá, 16 de outubro de 1991.

¹⁹ Cf. J. B. LIBANIO, "A identidade e a espiritualidade do idoso no processo de mudança de época" em *Perspectiva Teológica*, set / dez 2011, Número 121, 353-388.

²⁰ Cf. G. RAVASI, Entrevista ao jornal *Toscana Oggi*, Florença, 15 de abril de 2004.

que oramos, professamos e proclamamos como discípulos e seguidores de Jesus Cristo. A nossa fé e nossa espiritualidade devem ajudar-nos a saber dar uma resposta a essa realidade, não a sermos alienados a ela.

De fato, o diálogo com as visões religiosas do mundo dos povos indígenas, com seu cuidado e respeito pelos outros seres vivos, deveria levar-nos a recuperar em nossa própria fé e espiritualidade cristã essa dimensão profética indispensável e integradora nossa identidade como seres de relacionamento com Deus, com os outros e com o mundo, o lugar do nosso encontro com Jesus Cristo, Senhor de toda a criação e de toda a história, através do qual tudo foi criado e tudo subsiste²¹. O contato com essas populações originárias da Amazônia nos ensina o seu senso de partilha e comunidade, pois entre eles não há excluídos ou abandonados. Além disso, aprendemos com eles a como harmonizar o uso da natureza para a própria sobrevivência, sendo atento e respeitoso com ela, tratando-a como um ser vivo como ela realmente é.

Da mesma forma, a encíclica *Laudato Sí* do Papa Francisco começa com o cântico de São Francisco de Assis, conhecido como o “Cântico das Criaturas”, que nos lembra que a terra, nossa casa comum, pode ser vista como uma irmã, com quem compartilhamos nossa existência, ou como uma bela mãe que nos acolhe em seus braços: “Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã terra, que nos sustenta e nos governa e produz diferentes frutos”. Isso nos mostra que, afinal, tudo e todos estamos interligados, indígenas e não-indígenas, cristãos e não-cristãos. Enfim, todos somos chamados a nos transformarmos em guardiões da criação, respeitando, defendendo e preservando todas as criaturas, a fim de que os povos da terra louvem ao Criador do universo, e iluminados pelo seu Espírito, trilhem juntos caminhos de justiça e de paz.

Referências

PAULO VI. Mensagem aos peregrinos de Belém do Pará. Vaticano, 10 de outubro de 1971. In: ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS PARA A REGIÃO PAN-AMAZÔNICA. *Docu-mento Final do Sínodo para a Amazônia*. Disponível em:

²¹ Cf. Col. 1, 16-17.

<http://www.sinodoamazonico.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/documento-final-do-sinodo-para-a-amazonia.html>. Acessado em 17 de novembro de 2019.

JOÃO PAULO II. *Discurso ao encontro com representantes das comunidades indígenas do Brasil*. Cuiabá, 16 de outubro de 1991. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1991/october/documents/hf_jp-ii_spe_19911016_pop-indigene.html. Acessado em 17 de novembro de 2019.

BENTO XVI. *Discurso no encontro com jovens no estádio Pacaembu*. São Paulo, 17 de maio de 2007. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070510_youth-brazil.html. Acessado em 19 de novembro de 2019.

FRANCISCO, Papa. *Discurso no encontro com o episcopado brasileiro*. Rio de Janeiro, 27 de julho de 2013. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130727_gmg-episcopato-brasile.html. Acessado em 21 de novembro de 2019.

CNBB-REGIONAL NORTE I. A Igreja se faz carne e arma sua tenda na Amazônia, Manaus, 9 a 18 de setembro de 1997. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (Org.). *Desafio missionário: documentos da Igreja na Amazônia*. coletânea. Brasília 2014, 64-84.

FRANCISCO, Papa. *Laudato Si: Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.

ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS PARA A REGIÃO PAN-AMAZÔNICA. *Documento Final do Sínodo para a Amazônia*. Disponível em: <http://www.sinodoamazonico.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/documento-final-do-sinodo-para-a-amazonia.html>. Acessado em 19 de novembro de 2019.

LIBÂNIO, João Batista. A identidade e a espiritualidade do idoso no processo de mudança de época. *Perspectiva Teológica*, set / dez 2011, Número 121, p. 353-388.

RAVASI, Gianfranco. *Entrevista ao jornal Toscana Oggi*. Florença, 15 de abril de 2004.

Adelson Araújo dos Santos

Doutor em Teologia Espiritual pela Pontifícia Universidade Gregoriana, presbítero jesuíta, foi superior da Região Brasil Amazônia e depois Delegado para a Formação da Província dos jesuítas do Brasil. Atualmente é diretor do Centro São Pedro Fabro para a Formação à vida consagrada e ao sacerdócio, na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma. E-mail: adelsonsj@gmail.com